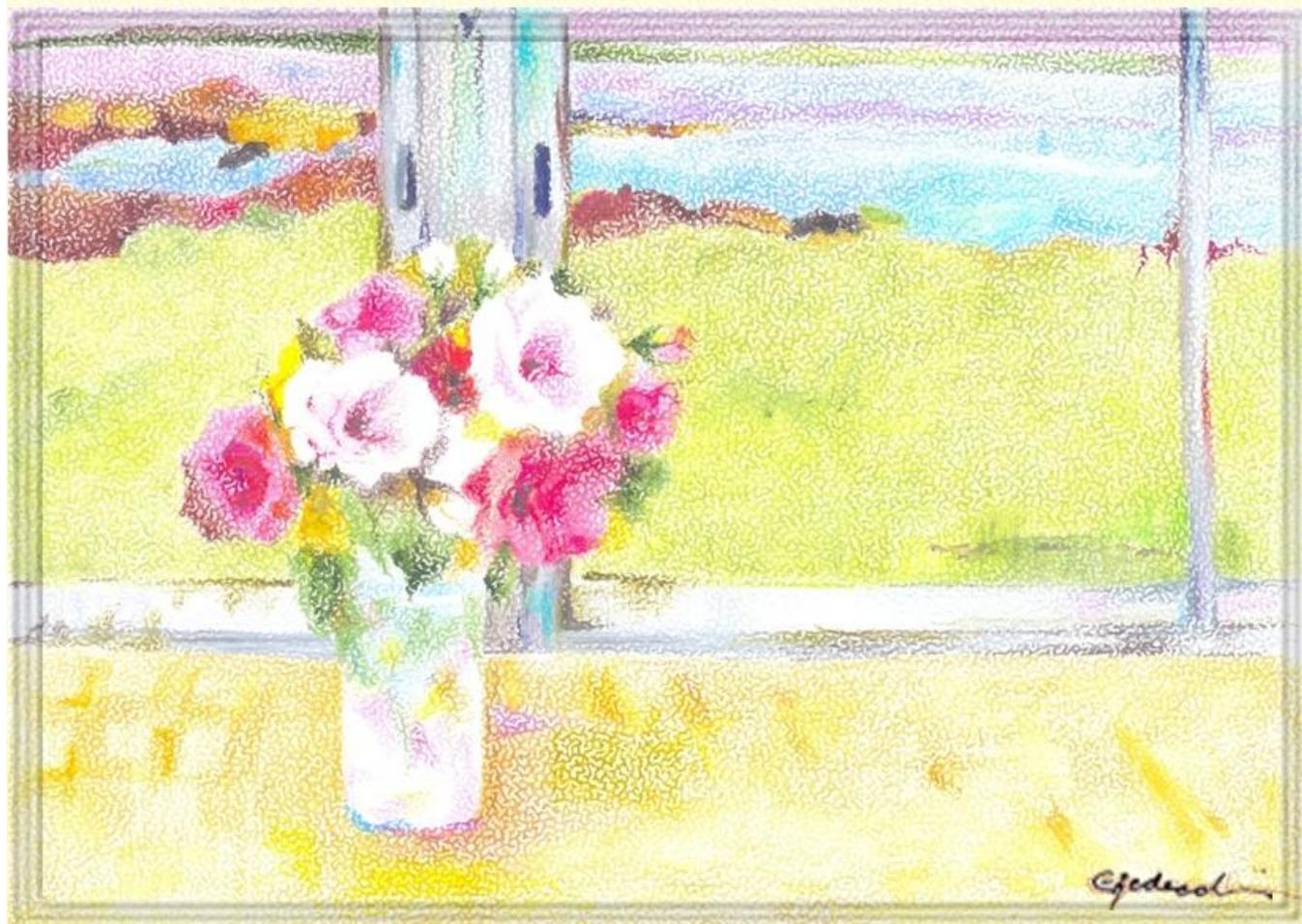


MEDIUNIDADE

Aspectos Gerais



UNIÃO ESPÍRITA MINEIRA

UNIÃO ESPÍRITA MINEIRA

ÁREA DE ORIENTAÇÃO MEDIÚNICA

Mediunidade

Belo Horizonte

2013

© 2013,UNIÃO ESPÍRITA MINEIRA – ÁREA DE ORIENTAÇÃO MEDIÚNICA.

Redação de Texto: Área de Orientação Mediúnica.

Editoração de texto: Antelene Bastos e Daniela Arreguy

Capa: Eliana Bedeschi

Projeto Gráfico da Capa: Área de Comunicação Social Espírita-UEM

Revisão Final: Antelene Bastos

UNIÃO ESPÍRITA MINEIRA

Sede Federativa:

Av. Olegário Maciel, 1627 – Lourdes

30.180-111 Belo Horizonte - MG- Brasil

Tel.: (31) 3201-3261

www.uemmg.org.br

uemmg@uemmg.org.br

(Permitida a reprodução, desde que o texto não seja alterado)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO -----	6
1 INTRODUÇÃO -----	7
2 CONCEITO -----	8
3 – FINALIDADE -----	8
4 – TIPOS DE MEDIUNIDADE -----	10
5 – ESCOLHOS DA MEDIUNIDADE -----	15
6 – MEDIUNIDADE E OBSESSÃO -----	17
6.1 – O que é obsessão? -----	17
6.2 – Tipos de obsessão -----	18
6.3 – Causas da obsessão -----	20
7 – TRATAMENTO DA OBSESSÃO -----	20
7.1 – Prece -----	21
7.2 – Água fluidificada -----	22
7.3 – Apoio familiar -----	22
8 – ANIMISMO -----	23
8.1 – Animismo e mistificação -----	26
8.2 – Mecanismo da ação anímica -----	27
9 – MEDIUNIDADE COM JESUS -----	27
10 – EVANGELHO E MEDIUNIDADE -----	28
11 – CONCLUSÃO -----	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -----	32

APRESENTAÇÃO

Mediunidade constitui 'meio de comunicação', e o próprio Jesus nos afirma: 'eu sou a porta... se alguém entrar por mim será salvo e entrará, sairá e achará pastagens'. (Jo. 10:9).

Ouvi-me, irmãos meus!... Se vos dispondes ao serviço divino, não há outro caminho senão Ele, que detém a infinita luz da verdade e a fonte inesgotável da vida! (Missionários da Luz, capítulo IX).

A mediunidade é assunto amplamente conhecido em todos os tempos e em todos os lugares da Terra. Não foi o Espiritismo que inventou a mediunidade. Este é um tema que acompanha a história da humanidade. Os espíritos desencarnados sempre entraram em comunicação com os encarnados, comprovando a sua imortalidade, dando-nos prova de que a vida continua e, por isso mesmo, ensejando-nos o intercâmbio entre os dois planos da vida: o visível e o invisível.

Sabemos que os primeiros cristãos estabeleciam intercâmbio com os espíritos dos mortos e deles recebiam ensinamentos. Pesquisadores afirmam a veracidade dos fenômenos mediúnicos, registrados nos livros canônicos que o tempo não conseguiu destruir. E, muito antes, a História já nos oferecia um sem número de relatos acerca dos "oráculos", "pitonisas" e afins, para comprovar a existência do mundo espiritual e das entidades que o habitam. Cientes dessa realidade e certos de não sermos portadores de assunto novo, visamos, neste trabalho, a proporcionar recursos práticos àqueles que se consagram ao exercício da mediunidade.

Os assuntos aqui abordados se fundamentam, sobretudo, em *O Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec, que sistematizou todo conhecimento sobre a mediunidade, seguido de vários outros autores que contribuíram para o entendimento desta grandiosa doutrina. Além dessas referências, gostaríamos de ressaltar que este texto que ora apresentamos resgata, em boa parte de sua construção, a Apostila do Curso Básico sobre Mediunidade. Esse trabalho, embora não tenha sido publicado, foi utilizado pela União Espírita Mineira, há alguns anos. Agora, retomamos muitos dos pontos nele abordados e analisados.

Como este texto inicialmente foi apresentado na reunião do Departamento de Orientação Mediúnica no COFEMG – Conselho Federativo Espírita de Minas Gerais – em outubro de 2006, não é possível nos esquecermos de mencionar a participação dos Conselhos Regionais Espíritas, cujos representantes contribuíram com sugestões e críticas.

1- INTRODUÇÃO

E, a um, deu cinco talentos, e, a outro, dois, e a outro um, a cada um segundo a sua capacidade, e ausentou-se logo para longe.
(Mt, 25:15).

Segundo o *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* Caldas Aulete, mediunidade é a qualidade de médium; medianimidade. De acordo com Allan Kardec¹, mediunidade, ou medianimidade, é a “faculdade dos médiuns”; e, por médium, Kardec define: “pessoa que pode servir de intermediária entre os Espíritos e os homens”. Apesar dos dois vocábulos serem corretos e sinônimos, o codificador esclarece que “mediunidade tem um sentido mais geral e medianimidade um sentido mais restrito”. E exemplifica, considerando que alguém, que apresenta “o dom de mediunidade”, possui “a medianimidade mecânica”².

O Espiritismo, realmente, criou essa terminologia; no entanto, não foi a Doutrina Espírita que criou o que ela representa. Em verdade, a comunicação com os Espíritos era fato corriqueiro nos primeiros tempos do Cristianismo. Aliás, o próprio Cristo mantinha constante comunhão com o plano invisível. Esse aspecto pode ser observado quando, no Tabor, os discípulos presenciam a conversa de Jesus com Elias e Moisés, já desencarnados. Em outras passagens, é o próprio Jesus quem exemplifica a possibilidade desse intercâmbio, ao se fazer visível a seus discípulos depois de sua morte, conforme trecho narrado em “Atos dos Apóstolos”: aos quais também, depois de ter padecido, se apresentou vivo, com muitas e infalíveis provas, sendo visto por eles por espaço de quarenta dias e falando das coisas concernentes ao Reino de Deus.

No livro *Cristianismo e Espiritismo*, Léon Denis comenta a respeito das várias manifestações realizadas por Jesus, as quais, dentre outros objetivos, tiveram também o de fortalecer a fé e a confiança em seus discípulos. Segundo Denis, suas aparições apresentaram os mais diferenciados aspectos “desde a forma etérea, sem consistência, com que aparece à Maria Madalena, (...) até a completa materialização, tal como a pôde verificar Tomé, que tocou com a própria mão as (suas) chagas”³. Ou ainda, quando, a caminho de Emaús, conversa com dois dos discípulos que não o reconhecem, e desaparece repentinamente⁴.

Com a ressurreição de Jesus, estabelece-se, para o cristão, a prova da imortalidade da alma e do intercâmbio entre os dois planos da vida. Tal intercâmbio só se torna possível, porém, através do instrumento chamado médium e de uma aptidão ostensiva e física que este possui, intitulada por Kardec de mediunidade. Nesse sentido, para a doutrina cristã, as aparições de Jesus constituem a sua base, “o seu ponto capital”⁵. Segundo Denis, “no cristianismo, a fé não é uma esperança, é um fato natural, um fato apoiado no testemunho dos sentidos. Os apóstolos não acreditavam somente na ressurreição; estavam dela convencidos”⁶.

¹ KARDEC. *O Livro dos Médiuns*, cap. XXXII.

² *Ibidem, ibidem.*

³ DENIS. *Cristianismo e Espiritismo*, p. 54.

⁴ Lucas, 24:16.

⁵ DENIS. *Cristianismo e Espiritismo*, p. 54.

⁶ *Ibidem, ibidem.*

2 – CONCEITO

Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um, para o que for útil.
Paulo (I Cor, 12:7).

No prefácio do livro *Mediunidade e Sintonia*⁷, Emmanuel, ao fazer comentários sobre a mediunidade, considera importante não olvidarmos, no fenômeno mediúnic, “o problema da sintonia”, conceituando-a da seguinte maneira: “mediunidade é força mental, talento criativo da alma, capacidade de comunicação e de interpretação do espírito, ímã no próprio ser”. André Luiz, no livro *Evolução em Dois Mundos*, ainda oferece nova definição para o intercâmbio entre encarnados e desencarnados, ao dizer que “a mediunidade é faculdade inerente à própria vida, (...) qual o dom da visão comum, peculiar a todas as criaturas, responsável por tantas glórias e infortúnios na Terra”.⁸

3 - FINALIDADE

Porque nós somos cooperadores de Deus
(I Cor, 3:9).

Em *O Evangelho segundo o Espiritismo*⁹, Allan Kardec comenta a passagem evangélica do “banquete com os publicanos”, narrada em Mateus, no capítulo 9, versículos 10 a 12. No texto citado, os fariseus questionam os discípulos de Jesus a respeito do motivo pelo qual Jesus aceita comer com os publicanos – considerados traidores de sua raça, por trabalharem como coletores de impostos do Império Romano – e com as “pessoas de má vida” – como as meretrizes e os “excluídos” e/ou “párias” sociais. O questionamento dos fariseus deve-se ao fato de que, na época, as duas categorias de pessoas eram consideradas “indignas” e “inferiores”. Quem responde ao questionamento é o próprio Cristo, ao dizer que “não são os que gozam saúde que precisam de médico”¹⁰.

Allan Kardec, então, tece interessante paralelo entre a convivência de Jesus com aquelas “pessoas marginalizadas” e a mediunidade inerente a certas criaturas, as quais, na época de Kardec, também eram rotuladas de “inferiores”, seja do ponto de vista sócio-cultural ou do ponto de vista moral. O codificador argumenta que, assim como Jesus representava o “remédio” para aquelas pessoas tidas como de “má-vida” (em seu comentário, os “cegos dóceis”, os “necessitados de consolação”), a mediunidade também seria o socorro, sem distinção, para todas as pessoas, independentemente de sua classe, condição social. Afinal, conclui, “porque Deus, que não quer a morte do pecador, o privaria do socorro que o pode arrancar ao lameiro?”¹¹.

Já no livro *A Gênese*¹², Allan Kardec esclarece que o caráter verdadeiro do plano espiritual, com suas múltiplas faces, foi revelado, justamente, em reuniões mediúnicas. Isso se explica porque, nas reuniões, não se manifestam apenas Espíritos superiores, moralmente elevados e redimidos. Às sessões, comparecem, principalmente, Espíritos de pessoas comuns, ou daqueles de categorias inferiores (de moral e inteligência pouco desenvolvidas, que denotam, ainda, traços de perversidade). Kardec ressalta, também, a conexão entre os dois planos – material e espiritual – além da inexorável realidade da imortalidade da alma, objeto essencial das manifestações mediúnicas.

O Codificador, didaticamente, também questiona: “Qual, então, a utilidade dessas manifestações, (...) uma vez que os Espíritos não sabem mais do que nós, ou nos dizem o

⁷ XAVIER. *Mediunidade e Sintonia*, p. 9

⁸ *Idem*. *Evolução em Dois Mundos*, cap. 17, p. 136.

⁹ KARDEC. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. XXIV, itens 11-12.

¹⁰ Mateus, 9:12.

¹¹ KARDEC. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XXIV, itens 11-12.

¹² *Idem*. *A Gênese*, cap. I.

que sabem?”¹³. Ao questionamento, os Espíritos respondem que o Plano Maior circunscreve suas revelações àqueles fatos que os homens não teriam como alcançar apenas pelo ângulo do encarnado. Ao mesmo tempo, quando instruem, há esmerado cuidado em não impedir o crescimento intelectual dos encarnados com a oferta de soluções e respostas a cujas conclusões estes poderiam chegar pelo próprio esforço, a fim de que o mérito do trabalho não lhes seja retirado. Porém advertem que, quando o homem ainda não demonstra amadurecimento suficiente para determinados ensinamentos ou revelações, o plano espiritual não atropela esse momento com informações indevidas.

Com base no raciocínio abordado, pode-se concluir que o cerne das revelações da espiritualidade tratará de situações relativas à vida futura, as quais o homem desconhece. Até porque, anteriormente às revelações dos Espíritos, o homem apenas fazia hipóteses sobre o plano espiritual e a sobrevivência do ser. Hoje, contudo, é o testemunho ocular desses seres desencarnados que lhe revela a realidade do Espírito Imortal e lhe dá a conhecer esse mundo invisível que, a todos, rodeia. Ainda segundo os Espíritos que orientaram Allan Kardec, se a Espiritualidade Superior mais nada tivesse ou pudesse revelar, só o conhecimento da existência do plano espiritual já seria suficientemente importante.¹⁴

No livro *Nos Domínios da Mediunidade*¹⁵, temos a oportunidade de acompanhar André Luiz e Hilário Silva a receberem ensinamentos acerca da mediunidade, sob a coordenação do instrutor Áulus. Em dado momento do livro, eles participavam de uma reunião mediúnica realizada em casa espírita propositalmente não identificada. O encaminhamento dos trabalhos transcorria dentro de irrepreensível equilíbrio. Nesse meio-tempo, o Espírito Hilário Silva, da sua posição de aprendiz e observador interessado, notifica que os Espíritos amigos buscavam ajudar as pessoas presentes, trazendo mensagens reconfortantes para todos. Verifica, porém, que muitos dos presentes esperavam, em verdade, “solução” para suas questões pessoais. Intrigado, Hilário pergunta a Áulus se as respostas trazidas por essas entidades serviam, de alguma forma, como equações definitivas para os circunstantes encarnados, ao que é respondido pelo orientador:

– Isso não, [...] entre o auxílio e a solução vai sempre alguma distância em qualquer dificuldade [...]

– Se é assim, por que motivo o intercâmbio? [...] por que a porta aberta entre eles e nós?¹⁶

Diante do questionamento de Hilário, o instrutor ressalta a importância “da cooperação na estrada de cada ser”, ao lembrar as leis de solidariedade e de progresso. Para evoluir, ninguém conseguirá sem colaborar com aqueles que se encontram na retaguarda. É princípio da Lei Natural que todos se ajudem mutuamente. E, assim, Áulus conclui, afirmando que, ao cooperarem com os Espíritos esclarecidos, os homens “atraem simpatias preciosas para a vida espiritual, e as entidades amigas, auxiliando os reencarnados, estarão construindo facilidades para o dia de amanhã, quando de volta à lide terrestre”¹⁷.

Para encerrarmos esta parte, citamos também quatro importantes finalidades do intercâmbio espiritual, retiradas da série organizada pela UEM, intitulada *Evangelho e Espiritismo – Mediunidade*. São elas: a prova da imortalidade da alma; recepção do ensinamento dos bons Espíritos; reajustamento de nossos erros; e trabalho em benefício dos necessitados.

¹³ KARDEC. *A Gênese*, cap. I, item 61.

¹⁴ *Ibidem*, *ibidem*.

¹⁵ XAVIER. *Nos Domínios da Mediunidade*, cap. 18, p.172-173.

¹⁶ *Ibidem*, *ibidem*.

¹⁷ *Ibidem*, *ibidem*.

4 – TIPOS DE MEDIUNIDADE

Ora há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo.
(I Cor, 12:4).

Em *O Livro dos Médiuns*, Kardec define que “todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por este fato, médium”. Ao generalizar a mediunidade como não sendo privilégio de ninguém, ele também acrescenta: “Todavia, usualmente, assim só se qualificam aqueles em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva”¹⁸.

A mediunidade, quanto à sua natureza, varia de indivíduo para indivíduo, conforme a caminhada evolutiva e as necessidades espirituais de cada ser. Nesse sentido, podemos destacar, então, três tipos:

- mediunidade natural;
- mediunidade provas ou trabalho
- mediunidade expiação

A mediunidade de provação ou provacional, ou de prova ou trabalho, é definida por José Náufel¹⁹ como uma oportunidade do médium de ressarcir os débitos contraídos no pretérito, auxiliando àqueles a quem prejudicou, de maneira direta ou indireta. A fim de desempenharmos tal mediunidade, somos prévia e arduamente preparados no plano espiritual, objetivando a auto-reeducação, buscando a melhoria espiritual, bem como tentando incentivar a dos nossos semelhantes.

Na mediunidade missionária, ou “mandato mediúnico”, podemos entender o termo “missionário” como aquele que recebeu ou assumiu a incumbência de realizar determinadas tarefas ou promover a sua concretização. Com base nessa definição, Allan Kardec²⁰ indaga se os Espíritos que têm missões a desempenhar as cumprem na erraticidade ou no corpo físico. Sobre essa indagação, ele obtém a seguinte resposta: “Podem tê-las num e noutro estado. Para certos Espíritos errantes, é uma grande ocupação”. Já na questão 569 de *O Livro dos Espíritos*, há o comentário dos Espíritos sobre essas missões: “São tão variadas que impossível fora descrevê-las. (...) Os Espíritos executam as vontades de Deus”. É necessário também lembramos que o objetivo da missão dos espíritos encarnados²¹ se constitui em:

- instruir os homens;
- auxiliar o progresso; e
- melhorar as instituições por meios diretos e materiais.

Ao tecer comentários acerca da mediunidade missionária ou “mandato mediúnico”, Martins Peralva, no livro *Mediunidade e Evolução*²², esclarece que todos os projetos da evolução humana que se realizam através do intercâmbio “Espiritualidade-Terra” começam no plano espiritual. Sua execução no plano terreno não é feita de imediato, mas sim, através de processo gradativo, sob a égide de espíritos missionários. O autor ainda afirma que os médiuns missionários, nos trabalhos de vanguardeiros da evolução da humanidade, são reconhecidos pelas suas atitudes altruísticas, em prol do bem-estar geral²³.

¹⁸ KARDEC. *O Livro dos Médiuns*, cap. XIV, item 159.

¹⁹ NÁUFEL. *Do ABC ao Infinito*, p. 27, item 12.

²⁰ KARDEC. *O Livro dos Espíritos*, questão 568.

²¹ *Ibidem*, questão 573.

²² PERALVA. *Mediunidade e Evolução*, cap. 30, p. 106.

²³ *Ibidem*, *ibidem*.

Em se tratando da possibilidade do espírito falhar em sua missão, podemos encontrar considerações a esse respeito no capítulo “Kardec e Napoleão”, da obra *Cartas e Crônicas*²⁴. Nele, Irmão X narra a ocasião em que Napoleão foi conduzido ao plano espiritual para ser lembrado de sua missão, estabelecida antes de seu renascimento. O futuro imperador encontrou-se, então, com Kardec, recebendo o aviso de que o futuro missionário de Lião levaria para a terra um novo conhecimento sob a égide do Cristo. Que ele (Napoleão) se dispusesse a ajudá-lo (Kardec), sem se deixar envolver pela vaidade, pelo poder ou pela vingança, sob pena de amargar severas conseqüências espirituais. Se Kardec consegue levar a termo os objetivos de sua missão, o mesmo não se efetivaria com Napoleão, que falha na condução de sua tarefa.

Por último, abordaremos a mediunidade de expiação. Etimologicamente, o termo “expiação” significa “purificação de crimes ou faltas cometidas; sofrimento compensatório de culpa”. Devemos entender, entretanto, que há diferença entre a provação e a expiação. No livro *O Consolador*, Emmanuel esclarece tal diferença, dizendo: “A provação é a luta que ensina ao discípulo rebelde e preguiçoso a estrada do trabalho e da edificação espiritual. A expiação é a pena que é imposta ao malfeitor que comete um crime”²⁵.

Na *Apostila do Curso Básico de Mediunidade* da UEM, a mediunidade de expiação é descrita como um tipo de manifestação que ocorre à revelia do médium e, geralmente, lhe traz dores que podem levá-lo a sofrer muito. Tais sofrimentos, comumente, surgem sob a forma de obsessão e, se o médium não for bem direcionado, essa obsessão pode transformar-se numa subjugação. Ela é resultante do mau uso do livre arbítrio, que se torna um compromisso imposto pela própria consciência culpada, como uma maneira de ressarcir os atos menos felizes do pretérito, objetivando a libertação futura.

Em *O Livro dos Médiuns*²⁶, Kardec nos mostra uma enorme variedade de tipos de mediunidade, tantas quantas são as aptidões dos médiuns e as espécies de manifestações. Podemos, assim, classificar a mediunidade quanto à aptidão especial do médium em duas grandes categorias:

- mediunidade de efeitos físicos;
- mediunidade de efeitos intelectuais ou inteligentes.

A mediunidade de efeitos físicos é, como o próprio Kardec a define, a faculdade dos médiuns que “são aptos a produzir fenômenos materiais como o movimento dos corpos inertes, ou ruídos, etc. Esses médiuns, durante a produção dos fenômenos podem permanecer em completo estado de transe, ou completamente despertos²⁷”. Esses médiuns podem ser médiuns facultativos ou médiuns involuntários.

Os médiuns facultativos são aqueles que são conscientes de sua mediunidade e produzem fenômenos espíritas por sua própria vontade. Já os involuntários, como o próprio nome diz, são aqueles que provocam fenômenos a seu mal grado, quer dizer, não têm consciência do fato. José Náufel afirma que “os efeitos de ordem física (...) são, em síntese: a rotação de um objeto, pancadas produzidas mediante o levantamento desse objeto, ou na sua própria substância; ruídos, barulhos e perturbações”²⁸.

A respeito do tema, utilizamos a *Apostila do Curso Básico de Mediunidade* da União Espírita Mineira, que classifica os fenômenos mais comuns da mediunidade em efeitos físicos e inteligentes. Os fenômenos mais característicos da mediunidade de efeitos físicos e suas variedades especiais são:

²⁴ XAVIER. *Cartas e Crônicas*, cap. 28.

²⁵ *Idem*. *O Consolador*, questão 246.

²⁶ KARDEC. *O Livro dos Médiuns*, cap. XIV.

²⁷ UNIÃO ESPÍRITA MINEIRA (org.). *Apostila Curso Básico de Mediunidade*.

²⁸ NAUFEL. *Do ABC ao infinito*, p. 59.

- Levitação – Quando pessoas ou objetos são erguidos no ar, sem interferência de recursos materiais objetivos. Também chamados de médiuns de translações e de suspensões.
- Transporte – Quando objetos são levantados e deslocados de um lugar para outro, dentro do mesmo local ou trazidos de locais distintos. Variedades dos médiuns motores e de translações excepcionais.
- Tiptologia – Comunicação dos Espíritos, valendo-se do alfabeto ou qualquer outro sinal convencional, por meio de movimento de objetos ou através de pancadas.
- Materialização – Manifestação dos Espíritos através da criação de formas ou efeitos físicos. A materialização se desdobra em nuances variadas – sinais luminosos, ligeiros ou imensos – ruídos, odores; a materialização propriamente dita, desde apenas determinadas partes do corpo, até a completa materialização da entidade espiritual que se comunica.
Para materialização, os Espíritos manipulam e conjugam três elementos essenciais, sendo eles os fluidos inerentes à Espiritualidade, os fluidos inerentes ao médium e demais participantes da reunião e ainda os fluidos retirados da natureza, especialmente, das águas e das plantas.
- Voz Direta ou Pneumatofonia – comunicação oral e direta do Espírito, através de um aparelho vocal fluídico, manipulado pela espiritualidade. Nesse caso, os presentes registram apenas a voz dos Espíritos.
- Escrita Direta ou Pneumatografia – comunicação dos Espíritos através da escrita direta, isto é, sem concurso físico do médium. A mensagem é grafada pelos Espíritos e, para tanto, o próprio lápis é dispensável.
- Desdobramento ou Bicorporiedade – Exteriorização do perispírito do médium que, afastado do corpo carnal – ao qual se liga pelo cordão fluídico – se manifesta materializando em local próximo ou distante. O desdobramento pode assumir outras características, as quais, necessariamente, não se enquadram na categoria de efeitos físicos.

Uma vez abordados os tipos acima, passemos à mediunidade de efeitos inteligentes ou intelectuais. Segundo Allan Kardec, a mediunidade de efeitos inteligentes não é assim chamada por ser "sábua, eloqüente ou espirituosa"²⁹, mas porque responde a um pensamento que é um ato livre e voluntário. No item 187, do capítulo 16 de *O Livro dos Médiuns*, notamos que os fenômenos relacionados com esse tipo de mediunidade abrangem os médiuns que servem de intermediários para as comunicações regulares e integrais. Retomando mais uma vez a *Apostila do Curso Básico de Mediunidade da UEM*, os médiuns para esses fenômenos são classificados em:

1) Auditivos – O médium auditivo ouve vozes proferidas pelos Espíritos ou os sons por eles produzidos, bem como sons da própria natureza, que escapam à percepção da audição normal. Por ser fenômeno de natureza psíquica, é fácil compreender que a audição se verifica no órgão perispirítico do médium, por isso, independente de sua audição física.

2) Videntes – São médiuns cuja faculdade permite a percepção pela visão hiperfísica dos Espíritos desencarnados ou não, bem como de situações ou paisagens do plano espiritual. Podem manifestar como:

2.1) Vidência Ambiente ou Local – Quando o médium percebe o ambiente espiritual em que se encontra, registrando fatos que ali mesmo se desdobram, ou então, quadros, sinais e símbolos projetados mentalmente por Espíritos com os quais esteja em sintonia.

²⁹ KARDEC. *O Livro dos Médiuns*, cap. 3, item 66.

2.2) Vidência no Tempo – O médium vê cenas, representando fatos que irão ocorrer (visão profética) ou fatos passados em outros tempos (visão rememorativa).

2.3) Vidência no Espaço – O médium vê cenas, sinais ou símbolos em pontos distantes do local em que se encontra.

2.4) Psicometria – Forma especial de vidência, que se caracteriza pelo desenvolvimento, no campo mediúnic, de uma série de visões de acontecimentos passados, desde que posto em presença do médium um objeto qualquer ligado àquelas cenas. Essa percepção se verifica pelo fato de tais objetos estarem impregnados de influências pessoais de seus possuidores ou dos locais em que se encontravam.

3) Falantes ou Psicofônicos – Transmitem pela palavra falada a comunicação dos Espíritos. É uma das mediunidades mais comuns no intercâmbio mediúnic e, freqüentemente, denominada de incorporação. [De acordo com o livro *Nos Domínios da Mediunidade*, cap.6 e 8] o médium psicofônico pode ser:

3.1) Consciente – O Espírito comunicante transmite telepaticamente, às vezes de grandes distâncias, as suas idéias ao médium, que as retrata aos encarnados com suas próprias expressões. [E ele se lembra do fato.]

3.2) Inconsciente – Também denominada psicofonia sonambúlica, se processa com o afastamento do Espírito do médium de seu corpo. O comunicante se utiliza mais livremente dos implementos físicos do medianeiro, pelo que a sua comunicação é mais fiel e isenta de “interpretações” da parte do médium. É comum, neste caso, observada a afinidade, o Espírito retratar também, com maior ou menor nitidez, o tom de voz, as maneiras e até mesmo seu aspecto físico característico. Se o comunicante é um Espírito de inteira confiança do médium, este se afasta tranqüilamente cedendo-lhe o campo somático, como quem entrega um instrumento valioso, às mãos de um artista emérito que o valoriza. Quando, no entanto, o irmão que se manifesta se entrega à rebeldia ou à perversidade, o médium, embora afastado do corpo, age na condição de um enfermeiro vigilante que cuida do doente necessitado. Esse controle é pacífico, porque a mente superior subordina as que se lhe situam à retaguarda nos domínios do Espírito. Quando se trata de uma entidade intelectualmente superior ao médium, porém degenerada ou perversa, a fiscalização corre por conta dos mentores espirituais do trabalho mediúnic. Se a psicofonia inconsciente ou sonambúlica se manifesta em um médium desequilibrado – sem méritos morais – ou irresponsável, pode conduzi-lo à subjugação (possessão), sempre nociva e que, por isso, apenas se evidencia integral nos obsessos que se renderam às forças vampirizantes.

4) Sonambúlicos – No sonambulista, vemos duas ordens de fenômenos. Temos o sonâmbulo propriamente dito, que age sob a influência do seu próprio Espírito. É a sua alma que, nos momentos de emancipação, vê, ouve e percebe fora do limite dos sentidos. Suas idéias são, em geral, mais justas que no estado normal; seus conhecimentos mais dilatados porque tem livre a alma. Já o médium sonambúlico, ao contrário, é um instrumento passivo e o que diz não vem de si mesmo. Enquanto o sonâmbulo exprime o seu próprio pensamento, o médium exprime o de outrem; confabula com os Espíritos e nos transmitem os seus pensamentos.

Médium sonambúlico, portanto, é aquele que, em estado de transe, se desprende do corpo e, nessa condição de “liberdade”, nos descreve o que vê, o que sente e ouve no plano espiritual. Essa mediunidade é denominada por André Luiz, no livro *Nos Domínios da Mediunidade*, como “desdobramento” e assim é também classificada por vários autores.

5) Psicógrafos – São os médiuns cuja faculdade se realiza através da escrita manual, sob a influência dos Espíritos. Os médiuns psicógrafos se classificam em:

5.1) Médium Mecânico: O Espírito atua sobre os centros motores do médium, impulsionando diretamente a sua mão. Esta se move sem interrupção e sem embargo

do médium, enquanto o Espírito tem alguma coisa a dizer. Nessa circunstância, o que caracteriza o fenômeno é que o médium não tem a menor consciência do que escreve.

5.2) Médium Intuitivo – O Espírito não atua sobre a mão para fazê-la escrever; atua sobre o Espírito do médium que, percebendo o seu pensamento, transcreve-o no papel. Nessa circunstância, não há inteira passividade; o médium recebe o pensamento do Espírito e o transmite, tendo, portanto, consciência do que escreve, embora não exprima seu próprio pensamento. A idéia nasce à medida que a escrita vai sendo traçada e essa pode estar mesmo fora dos limites dos conhecimentos e capacidade do médium.

Enquanto o papel do médium mecânico é o de uma máquina, o médium intuitivo age como um intérprete. Para transmitir o pensamento, precisa compreendê-lo, apropriar-se dele para traduzi-lo fielmente.

5.3) Médium Semi-Mecânico – Se, com o médium mecânico, o movimento da mão independe da vontade, no médium intuitivo esse movimento é voluntário. O médium semi-mecânico participa dos dois gêneros: sente que à sua mão é dada uma impulsão, mas ao mesmo tempo, tem consciência do que escreve, à medida que as palavras se formam.

Assim, no médium mecânico, o pensamento vem depois do ato da escrita; no intuitivo, o pensamento precede a escrita e, no semi-mecânico, o pensamento acompanha a escrita.

6) Políglotas – Médiuns que, no estado de transe, possuem a capacidade de se exprimir em línguas estranhas a eles. Essa mediunidade é denominada xenoglossia e tem causa no recolhimento de valores intelectuais do passado, que repousam na subconsciência do médium. Só pode ser médium políglota aquele que já conheceu, em outros tempos, o idioma com o qual se expressa durante o transe.

7) Presentimentos – São pessoas que, em dadas circunstâncias, têm uma intuição vaga de coisas vulgares que ocorrerão ou, permitindo-o a Espiritualidade, têm a revelação de coisas futuras de interesse geral e são incumbidas de dá-las a conhecer aos homens para sua instrução. As profecias se circunscrevem às linhas mestras da evolução humana, pelo que é fácil de ser entendida por nós o seu mecanismo, pois, que já percorreu um caminho, pode retornar atrás e alertar aos da retaguarda sobre seus percalços. No que diz respeito ao campo individual pode um Espírito falar a respeito de determinadas provas programadas pela própria pessoa antes da sua reencarnação. Seja, no entanto, no plano geral ou no plano individual, as profecias são sempre relativas, já que, detendo a criatura o “livre-arbítrio” poderá em qualquer época, consoante a sua vontade, modificar as circunstâncias de sua vida, imprimindo-lhe novos rumos e, portanto, alterar os prognósticos que naturalmente se cumpririam não fosse a sua deliberação.

8) Intuitivos – São médiuns cuja faculdade permite receber no seu íntimo as inspirações e sugestões da Espiritualidade. A intuição se desenvolve à medida que a criatura se espiritualiza e tem por característica básica a falta do caráter fenomênico.

Podemos até afirmar que é para a intuição pura que a mediunidade se encaminha, a qual se constitui, em última análise, na nossa própria conquista; a intuição será um patrimônio da criatura espiritualizada a que estamos destinados a nos tornar.

Alem destas categorias, Allan Kardec ainda classifica as seguintes:

1) Médiuns proféticos – “Variedade dos médiuns inspirados, ou de presentimentos. Recebem, permitindo-o Deus, com mais precisão do que os médiuns de presentimentos, a revelação de futuras coisas de interesse geral e são incumbidos de dá-las a conhecer aos homens, para instrução destes”³⁰. “Se há profetas verdadeiros, mais ainda os há falsos, que consideram revelações os devaneios da própria

³⁰ KARDEC. O Livro dos Médiuns, cap. XVI, item 190.

imaginação, quando não são embusteiros que, por ambição, se apresentam como tais”.³¹

2) Médiuns pintores ou desenhistas – São os que pintam ou desenham sob a influência dos Espíritos. Falamos dos que obtêm trabalhos sérios, visto não se poder dar esse nome a certos médiuns que Espíritos zombeteiros levam a fazer coisas grotescas, que desabonariam o mais atrasado estudante.

3) Médiuns músicos – São aqueles que executam, compõem ou escrevem músicas sob a influência dos Espíritos. Há médiuns músicos mecânicos, semi-mecânicos, intuitivos e inspirados, como os há para as comunicações literárias.

Para estudos mais amplos, indicamos o livro dos médiuns.

5 – ESCOLHOS DA MEDIUNIDADE

De muitas dificuldades se mostra inçada a prática do Espiritismo e nem sempre isenta de inconvenientes a que só um estudo sério e completo pode obviar.
(*O Livro dos Médiuns* – Introdução)

No capítulo XVIII de *O Livro dos Médiuns*, o Codificador expõe os perigos e inconvenientes da mediunidade. Em vários pontos, adverte quanto aos escolhos, isto é, quanto aos riscos e dificuldades que podem surgir na prática mediúnica. Entretanto, são poucos os que observam os cuidados necessários para esse exercício, seja porque imaginam que tais riscos não existam, já que os Espíritos se comunicam espontaneamente; seja porque não dão valor ao estudo, preferindo deixar para os “guias” a tarefa de orientá-los.

A postura de “deixar para os guias” a tarefa da orientação tem trazido sérios problemas, especialmente aos médiuns e integrantes de grupos mediúnicos. Esse quadro, na maioria das vezes, indica ausência de estudo e, até mesmo, leitura distorcida dos ensinamentos doutrinários, na qual se mesclam o personalismo, a vaidade e a precipitação.

Com relação aos escolhos da mediunidade, Allan Kardec destaca três espécies: inconvenientes e perigos; obsessão; contradições e mistificações. Ainda no capítulo XVIII de *O Livro dos Médiuns*, o Codificador analisa os perigos e inconvenientes, relacionados ao caso do exercício mediúnico das pessoas com algum tipo de transtorno mental e à condição das crianças. Assinala que a faculdade mediúnica não é uma patologia mental, mas que pode ser considerada um estado anômalo, já que o médium entra em transe. Portanto, a prática da mediunidade para aqueles que apresentem distúrbios mentais constituiria riscos, pois seria uma sobrecarga psíquica que agravaria as limitações já existentes. Com relação às crianças, mesmo que a faculdade se apresente espontaneamente, deve-se evitar o seu exercício, uma vez que elas não têm condições de entender as responsabilidades inerentes ao intercâmbio com os Espíritos. Os pais devem levá-las à evangelização infantil para iniciar seus conhecimentos doutrinários.

Com relação ao segundo aspecto, a obsessão, Kardec afirma, no capítulo XXIII de *O Livro dos Médiuns*, ser ela o maior e também um dos mais freqüentes riscos ou dificuldades enfrentadas pelos médiuns na prática mediúnica. No capítulo intitulado “Da Obsessão”, explica que, por ser um dos maiores escolhos da mediunidade e também um dos mais freqüentes, nunca é demais empregar todos os esforços em seu combate. Esse escolho não só acarreta inconvenientes pessoais, mas também constitui “um obstáculo absoluto à bondade e à veracidade das comunicações”. Em razão do estágio evolutivo da Humanidade, pode-se dizer que, em âmbito geral, todos somos ainda vulneráveis às influências negativas. Tais influências podem levar o indivíduo a condutas viciosas e à permanência em patamares

³¹ KARDEC. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XXI, item 9.

mental e espiritual inferior, até que se conscientize da necessidade de sua transformação moral.

O Codificador também esclarece que, diante do perigo da obsessão, é comum o questionamento sobre a lastimável condição de ser médium, além de se pensar na inconveniência das comunicações dos Espíritos. Kardec argumenta, então, que os Espíritos não são uma criação dos médiuns ou dos espíritas e que estes não provocam a manifestação daqueles, ocorrendo exatamente o contrário³². Assim, a influência que exercem na vida dos encarnados é constante, conforme esclarece a questão 459 de *O Livro dos Espíritos*.

Segundo a regra geral, definida por Allan Kardec, o médium que recebe más comunicações psicográficas ou psicofônicas está sob a influência de Espíritos inferiores. Para avaliar uma situação dessa ordem, ele faz algumas advertências, tais como:

- a) examinar antes da divulgação tudo o que o médium receber, sendo necessária, para isso, uma análise rigorosa do teor das mensagens, a fim de se evitar a publicação de idéias excêntricas ou utópicas;
- b) observar se o médium se sente melindrado diante de alguma crítica feita às comunicações recebidas por ele, pois nesse caso é bem nítida a influência de Espírito fascinador; e
- c) lembrar sempre que “toda comunicação dada por um médium obsidiado é de origem suspeita e nenhuma confiança merece”.

Com relação ao item “contradições”, podemos consultar *O Livro dos Médiuns* no capítulo XXVII. Nele, pode-se notar que, sendo as comunicações mediúnicas providas de Espíritos de diferentes categorias, é natural que se observem diferentes opiniões e pensamentos, tal como ocorre entre os encarnados. Kardec esclarece que as comunicações podem trazer o cunho da ignorância ou do saber, da inferioridade ou da superioridade moral. Contudo, é importante ressaltar que, apesar das mensagens dos Espíritos superiores se adequarem a cada época e lugar, eles jamais se contradizem.

Cabe lembrar que, em questões mediúnicas, é imprescindível o aprofundamento nos estudos espíritas, a fim de que haja a devida distinção entre as manifestações. A questão da forma é secundária; o essencial é que as idéias e princípios apresentados durante a prática mediúnica estejam fundamentados na Doutrina Espírita.

No tocante às mistificações, vemos que as comunicações de Espíritos mistificadores são consideradas por Allan Kardec como os escolhos mais desagradáveis da prática mediúnica. Nenhum médium está livre de ser enganado por algum Espírito mal-intencionado, visto que não existe médium perfeito. Nesse sentido, há premente necessidade de estudo, vigilância, conduta moral elevada, a fim de que o médium possa perceber e identificar com mais acuidade os espíritos que dele se aproximam. Kardec aconselha: “Estudai, comparai, aprofundai”³³. A par disso, é primordial a constante busca de aperfeiçoamento moral do medianeiro, para que possa merecer a presença dos bons Espíritos no desempenho de seu trabalho.

³² KARDEC. *O Livro dos Médiuns*, cap. XXIII, item 244.

³³ *Ibidem*, cap. XXVII, item 301, perg. 4ª, p. 392.

6 – MEDIUNIDADE E OBSESSÃO

Vigiai e orai, para que não entreis em tentação
(Mt. 26:41)

6.1 – O que é obsessão?

De acordo com o dicionário, o termo *obsessão* relaciona-se a “pensamento ou impulso persistente ou recorrente, indesejado e aflitivo, e que vem à mente involuntariamente, a despeito de tentativa de ignorá-lo ou suprimi-lo; idéia fixa; mania”. De acordo com *O Evangelho segundo o Espiritismo*, ela

é a ação persistente que um Espírito mau exerce sobre o indivíduo. Apresenta caracteres muito diversos, desde a simples influência moral, sem perceptíveis sinais exteriores, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais. Oblitera todas as faculdades mediúnicas³⁴.

Emmanuel, no livro *Pensamento e Vida*,³⁵ explica a questão da sintonia e do fenômeno da reflexão. Mostra-nos que o influenciador usa a mente criadora de imagens para insinuar-se através de projeções, de maneira insistente, até alcançar a mente que deseja influenciar. Fazendo um paralelo, Emmanuel a compara ao mecanismo das gravações dos discos antigos, à base de ebonite, nos quais eram gravados os sons. A repetição insistente de idéias na mente do médium se torna verdadeiro arquivo de ordens e avisos, principalmente durante o sono físico.

É importante lembrar que a obsessão não ocorre somente de desencarnado para encarnado, mas, muitas vezes, aparece entre os próprios encarnados, em uma subjugação mútua através dos fios insondáveis da sugestão. E se a insinuação ou a sintonia se acoplam, inicia-se, então, “vivo circuito de força”, no qual obsessão e obsidiado começam a viver em ações e reações. Segundo Emmanuel, todo processo obsessivo “começa pelo debuxo vago do pensamento alheio que nos visita, oculto. Hoje é um pingote de sombra, amanhã linha firme, para depois, fazer-se um painel vigoroso, do qual assimilamos apelos infelizes que nos aprisionam em turbilhões de trevas”³⁶.

Nesse sentido, também esclarece André Luiz³⁷, ao considerar a influência do pensamento em matéria de mediunidade. Afirma que “nossa alma vive onde se lhe situa o coração”³⁸ e que nossa caminhada seguirá o influxo de nossas próprias criações, seja onde for. Por isso, “consciência pesada de propósitos malignos, revestida de remorsos, referta de ambições desvairadas ou denegrada de aflições não pode senão atrair forças semelhantes que a encadeiam a torvelinhos infernais”³⁹. A obsessão, assim, “é sinistro conúbio da mente com o desequilíbrio comum às trevas”, e “a mediunidade torturada não é senão o enlace de almas comprometidas em aflitivas provações, nos lances do reajuste”⁴⁰.

Importante se faz lembrar que as influências dos espíritos podem ser benéficas ou perniciosas. As influências benéficas se dão naturalmente por espíritos simpáticos, nossos mentores espirituais e mentores dos grupos doutrinários. As influências perniciosas são advindas dos espíritos inferiores, levianos, adversários espirituais, entidades que se comprazem com o mal. Normalmente, se manifestam sob a forma de obsessão. Porém, nunca é demais considerar que, ao pensarmos, imprimimos existência ao objeto que idealizamos. Nesse processo:

³⁴ KARDEC. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XXVIII, item 81.

³⁵ XAVIER. *Pensamento e Vida*, cap. 27.

³⁶ *Ibidem, ibidem*.

³⁷ XAVIER. *Nos Domínios da Mediunidade*, cap. 13, p. 118-121.

³⁸ *Ibidem*, cap. 13, p. 118

³⁹ *Ibidem, ibidem*.

⁴⁰ *Ibidem*, p.120

a resultante visível de nossas cogitações mais íntimas denuncia a condição espiritual que nos é própria, e quantos se afinam com a natureza de nossas inclinações e desejos aproximam-se de nós, pelas amostras de nossos pensamentos.

Se persistimos nas esferas mais baixas da experiência humana, os que ainda jornadaem nas linhas da animalidade nos procuram, atraídos pelo tipo de nossos impulsos inferiores, absorvendo as substâncias mentais que emitimos e projetando sobre nós os elementos de que se fazem portadores.

Imaginar é criar.

E toda criação tem vida e movimento, ainda que ligeiros, impondo responsabilidade à consciência que a manifesta. E como a vida e o movimento se vinculam aos princípios de permuta, é indispensável analisar o que damos, a fim de ajuizar quanto àquilo que devamos receber.⁴¹

Ao abordar a relação pensamento, permuta e obsessão, André Luiz exemplifica a questão ao indagar: “quem apenas mentalize angústia e crime, miséria e perturbação, poderá refletir no espelho da própria alma outras imagens que não sejam as da desarmonia e do sofrimento?” Assim sendo, recomenda a vigilância, “no trabalho incessante do bem, para que arrojemos de nós a grilheta capaz de acorrentar-nos a obscuros processos de vida inferior.”⁴² Não nos esqueçamos, pois, de que “é da forja viva da idéia que saem as asas dos anjos e as algemas dos condenados”.⁴³

6.2 – Tipos de obsessão

Allan Kardec, no capítulo 23 de *O Livro dos Médiuns*, estudou a obsessão, principalmente em relação à mediunidade, quando ela ocorre com os médiuns propriamente ditos, e não à mediunidade generalizada ou em relação ao homem comum. Ele explica que a obsessão tem aspectos variados e que é importante distinguir o grau do constrangimento e da natureza dos efeitos produzidos. Emprega o termo no sentido genérico e demonstra as principais variedades do fenômeno, a saber: a obsessão simples, a fascinação e a subjugação⁴⁴.

A obsessão simples⁴⁵ ocorre com o médium, através da imposição de um espírito malfazejo. O Espírito se imiscui à revelia do encarnado nas comunicações recebidas, fazendo-se obstáculo à comunicação deste com outros Espíritos, e se apresenta no lugar de outros que são evocados. Segundo Allan Kardec “na obsessão simples, o médium sabe muito bem que se acha presa de um Espírito mentiroso; e este não se disfarça, de nenhuma forma dissimula suas más intenções e o seu propósito de contrariar”⁴⁶. Nesse caso, o médium reconhece sem dificuldade a impostura e, ao se manter vigilante, raramente é enganado. Kardec ainda afirma que ninguém está obsidiado por ser enganado por um Espírito. Até mesmo o melhor médium se acha exposto a isso, principalmente no começo, por lhe faltar a experiência necessária.⁴⁷

A fascinação⁴⁸ foi definida pelo Codificador como uma espécie de ilusão provocada pelo Espírito diretamente sobre o pensamento do médium, impedindo-lhe de assumir uma postura lúcida com relação às comunicações. O encarnado fica completamente envolvido a ponto de não perceber o engano. O Espírito embustreiro inspira uma confiança tão cega que, embora os escritos absurdos sejam detectados por todos os demais participantes da reunião, somente o médium consegue ver sublimidade nas considerações mais absurdas. Kardec explica também que isso não acontece somente com as pessoas simples, mas com toda e

⁴¹ XAVIER. *Nos Domínios da Mediunidade*, cap. 13, p. 119-120.

⁴² *Ibidem*, p.120.

⁴³ *Ibidem, ibidem*.

⁴⁴ KARDEC. *O Livro dos Médiuns*, cap XXIII, item 237. Quanto a questão da *Possessão* conferir a obra: “Dimensões Espirituais do Centro Espírita” de Suely Caldas Schubert.

⁴⁵ *Ibidem*, item 238, p. 298.

⁴⁶ *Ibidem, ibidem*.

⁴⁷ *Ibidem, ibidem*.

⁴⁸ *Ibidem*, item 239.

qualquer pessoa, mesmo àquelas mais instruídas, sendo essa influência efeito de uma causa estranha.

Embora o fascinador⁴⁹ empregue termos, tais como “humildade e amor de Deus”, os quais lhe confeririam credibilidade, ele não consegue dissipar a inferioridade que lhe é peculiar; contudo a pessoa completamente fascinada não é mais capaz de perceber esse aspecto. Kardec adverte que “muito mais grave são as conseqüências da fascinação”, pois o médium fascinado se torna um juguete de seu fascinador. Neste caso, pode o Espírito levá-lo a crer em doutrinas esdrúxulas, teorias falsas, como se essas fossem verdades; e, sobretudo, levá-lo a se envolver em situações ridículas e até comprometedoras e perigosas. O ponto fraco do Espírito fascinador é que ele teme as pessoas que conseguem detectá-lo; porém a sua estratégia é fazer com que o seu intérprete, o médium, se afaste de quem possa emitir opiniões esclarecedoras.

Já a subjugação consiste na ação ou efeito de subjugar; estado do que foi subjugado, dominado pela força. Allan Kardec a define como “uma constrição que paralisa a vontade daquele que a sofre e o faz agir a seu mau grado”, ou seja, “o paciente fica sob um verdadeiro jugo”⁵⁰.

Allan Kardec substituiu o termo “possessão”, pela palavra subjugação, exatamente para estabelecer a diferença entre as duas palavras, pois

A possessão seria (...) sinônimo da subjugação. Por dois motivos deixamos de adotar esse termo: primeiro porque implica a crença de seres criados para o mal e perpetuamente voltados ao mal, (...) segundo, porque implica igualmente a idéia do apoderamento de um corpo por um Espírito estranho, de uma espécie de coabitação, ao passo que o que há é apenas constrangimento. A palavra subjugação exprime perfeitamente a idéia.⁵¹

Allan Kardec define a subjugação como uma “constrição”, ou seja, o paciente é constrangido, ficando sob o jugo do agente, que o leva a agir contra a sua própria vontade, fazendo tudo o que este quer. Também classificou a subjugação em moral ou corporal⁵². No primeiro caso, o subjugado é forçado “a tomar resoluções muitas vezes absurdas e comprometedoras que, por uma espécie de ilusão, ele julga sensatas”. Em se tratando da subjugação corporal, “o Espírito atua sobre os órgãos materiais e provoca movimentos involuntários”. Por exemplo, quando o médium é psicógrafo, este sente uma necessidade premente de escrever, muitas vezes, em momentos inadequados.

Para José Náufel, a subjugação corporal é um tipo de atuação do Espírito sobre o organismo do paciente. E quanto à subjugação moral, o paciente apresenta características de mudança da personalidade, como por exemplo, pessoas de moral elevada, até mesmo tímidas, adotam comportamento despudorado ou imoral⁵³.

Manoel P. de Miranda, no livro *Nas Fronteiras da Loucura*⁵⁴, classifica a subjugação em física, psíquica e, simultaneamente, físico-psíquica. Segundo o autor espiritual:

A primeira, não implica a perda da lucidez intelectual porquanto a ação dá-se diretamente sobre os centros motores, obrigando o indivíduo, não obstante se negue à obediência, a ceder à violência que o oprime. Neste caso, podem irromper enfermidades orgânicas, [...] ou mesmo, sob a vigorosa e contínua ação fluídica dilacerarem os tecidos fisiológicos [...] com singulares prejuízos físicos.

No segundo caso, o paciente vai dominado mentalmente, tombando em estado de passividade, não raro sob tortura emocional, chegando a perder por completo a lucidez.

⁴⁹ KARDEC. *O Livro dos Médiuns*, cap. XXIII, item 239.

⁵⁰ *Ibidem*, item 240.

⁵¹ *Ibidem*, item 241.

⁵² *Ibidem*, item 240.

⁵³ NÁUFEL. *Do ABC ao Infinito*, p. 179, item 23.

⁵⁴ FRANCO. *Nas Fronteiras da Loucura*, p. 15-16.

No terceiro caso, um contínuo aturdimento o toma. A visão, a audição, como os demais sentidos confundem a realidade objetiva ao império das vibrações e faixas que registra desordenadamente na esfera física e na espiritual.

Com relação ao reconhecimento da obsessão, *O Livro dos Médiuns*, no item 243, apresenta os seguintes critérios:

- 1ª Persistência de um Espírito em se comunicar, bom ou mau grado, pela escrita, pela audição, pela tipologia, etc., opondo-se a que outros Espíritos o façam;
- 2ª Ilusão que, não obstante a inteligência do médium, o impede de reconhecer a falsidade e o ridículo das comunicações que recebe;
- 3ª Crença na infalibilidade e na identidade absoluta dos Espíritos que se comunicam e que, sob nomes respeitáveis e venerados, dizem coisas falsas ou absurdas;
- 4ª Confiança do médium nos elogios que lhe dispensam os Espíritos que por ele se comunicam;
- 5ª Disposição para se afastar das pessoas que podem emitir opiniões aproveitáveis;
- 6ª Tomar a mal a crítica das comunicações que recebe;
- 7ª Necessidade incessante e inoportuna de escrever;
- 8ª Constrangimento físico qualquer, dominando-lhe a vontade e forçando-o a agir ou falar a seu mau grado;
- 9ª Rumores e desordens persistentes ao redor do médium, sendo ele de tudo a causa, ou o objeto⁵⁵.

6. 3 – Causas da obsessão

As causas mais comuns, segundo registro no capítulo XI do livro *Estudando a Mediunidade*, são: a “vingança, desejo do mal, orgulho de falso saber, leviandade, prevenções religiosas, paixões, etc”.⁵⁶ No item 245 de *O Livro dos Médiuns*, Allan Kardec afirma que as causas da obsessão podem ser as mais variadas. Pode ocorrer também em virtude do sofrimento do Espírito, por se sentir infeliz com a felicidade alheia. Às vezes, a causa é o simples prazer de atormentar. A vítima, por sua vez, ao se impacientar em decorrência da atuação que recebe, facilita o maior domínio dos obsessores sobre ela, ao passo que a paciência, pelo contrário, os conduz à desistência da ação de perseguir.

7 – TRATAMENTO DA OBSESSÃO

De acordo com André Luiz todo obsidiado é um médium em desequilíbrio, pois

médiuns, (...) todos o somos, em vista de sermos intermediários do bem que procede de mais alto, quando nos elevamos, ou portadores do mal, colhidos nas zonas inferiores, quando caímos em desequilíbrio. O obsidiado, porém, acima de médium de energias perturbadas, é quase sempre um enfermo, representando uma legião de doentes invisíveis ao olhar humano. Por isso mesmo, constitui, em todas as circunstâncias, um caso especial, exigindo muita atenção, prudência e carinho.⁵⁷

O trecho acima constitui um alerta quanto ao otimismo exagerado dos companheiros que, ao atender o obsidiado, fazem promessas formais de cura às famílias dos enfermos.

⁵⁵ KARDEC. *O Livro dos Médiuns*, cap. XXIII, itens 242 e 243.

⁵⁶ PERALVA. *Estudando a Mediunidade*, cap. XI, p. 66.

⁵⁷ XAVIER. *Missionários da Luz*, cap. 18, p. 297.

Mesmo que sejam “enormes os benefícios a serem colhidos pelos doentes”, devemos “desaprovar o entusiasmo desequilibrado e sem rumo”⁵⁸.

Allan Kardec afirma que há vários meios de se combater a obsessão, dependendo do caráter de que ela se reveste. Esclarece também como devem proceder tanto o médium quanto os dirigentes do trabalho mediúnico, alertando ainda sobre as dificuldades naturais que podem ocorrer. E para se conseguir resultado satisfatório no diálogo com os Espíritos obsessores, deve prevalecer não só o conhecimento, mas também o padrão moral do médium e dos demais trabalhadores⁵⁹.

Além disso, é preciso ressaltar que uma das dificuldades do médium de se ver livre da influência obsessiva reside nas suas próprias imperfeições morais, inerentes a todos nós. Busquemos, então, uma exemplificação feita por Kardec, ao citar o caso das irmãs que foram, por muitos anos, incomodadas por perturbações espirituais. Ele relata que as roupas das moças eram incessantemente espalhadas por todos os cantos da casa, inclusive pelos telhados, bem como cortadas, rasgadas e crivadas de buracos, por mais cuidado que as irmãs tivessem em guardá-las à chave⁶⁰.

Muito tempo depois, as irmãs procuraram Kardec, a fim de saberem a causa das depredações, além de buscarem a solução para as ocorrências. O Espírito que se manifestava por semelhantes atos, ao ser evocado, “mostrou-se de grande perversidade e inacessível a qualquer sentimento bom. A prece, no entanto, pareceu exercer sobre ele uma influência salutar. Mas, após algum tempo de interrupção, recomeçaram as depredações”⁶¹. Kardec registra que houve a comunicação de um Espírito superior, aconselhando-as à prática do bem e do amor ao próximo, bem como a caridade ao falar, evitando o hábito doentio da maledicência. Alertava, assim, o Espírito serem esses os meios mais seguros de se livrarem dos Espíritos obsessores.

Na questão 393, de *O Consolador*, Emmanuel explica se a obsessão seria uma prova inevitável, ou apenas um acidente do qual se possa afastar facilmente, anulando-lhe os efeitos. Nesse sentido esclarece:

A obsessão é sempre uma prova, nunca um acontecimento eventual. No seu exame, contudo, precisamos considerar os méritos da vítima e a dispensa da misericórdia divina a todos os que sofrem. Para atenuar ou afastar os seus efeitos, é imprescindível o sentimento do amor universal no coração daquele que fala em nome de Jesus. [...] Os que se entregam à tarefa da cura das obsessões precisam ponderar, antes de tudo, a necessidade de iluminação interior do médium perturbado. [...] Se a execução desse esforço não se efetua, tende cuidado, porque, então, os efeitos serão extensivos a todos os centros de força orgânica e psíquica.⁶²

É pertinente ressaltar que seja qual for o recurso utilizado para socorrer o obsidiado, a reforma íntima é requisito de fundamental importância para a cura. Constitui, nesse sentido, antídoto salutar para a obsessão “a vivência cristã espírita através da conjugação dos verbos amar, servir e perdoar em todos os tempos e modos, em cuja execução o espírito endividado se libera dos compromissos negativos e ascende na duração do Planalto redentor da paz”.⁶³

7.1 – Prece

No livro *A Gênese*⁶⁴, quando explica sobre obsessões e possessões, Allan Kardec assinala o valor da prece, não só como o maior antídoto contra qualquer caso de obsessão, mas também como o único meio para afastarmos o obsessor de seus propósitos infelizes. A prece, ato de ligação entre o Criador e a criatura, é também uma forma de higienização de

⁵⁸ XAVIER. *Missionários da Luz*, cap. 18, p. 297.

⁵⁹ KARDEC. *O Livro dos Médiuns*, cap. XXIII, item 249.

⁶⁰ *Ibidem*, item 252.

⁶¹ *Ibidem, ibidem*.

⁶² XAVIER. *O consolador*, questão 393.

⁶³ PUGLIESE (Org.). *Obsessão, Instalação e Cura*.

⁶⁴ KARDEC. *A Gênese*, cap. XIV, item 46.

nossa “casa mental” e elevação de frequência vibratória, além de ser uma forma de atrairmos o concurso dos Bons Espíritos. Em outras palavras, a prece é medida profilática por excelência⁶⁵.

No capítulo intitulado “Pedi e Obtereis”, do livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo*⁶⁶, o Codificador trata da importância da prece, não como recurso para nos eximir de provas, mas como meio de nos livrarmos dos maus pensamentos, sendo ela, por isso, recomendada por todos os Espíritos. Quando renunciamos ao ato de orar, estamos impondo obstáculos ao recebimento dos eflúvios do Alto, que jorram para todos, sejamos bons ou maus, justos ou injustos. É como se a recusa em orar implicasse não aceitar as benesses da Misericórdia Divina, bem como indicasse a negação em ser útil ao outro, deixando de realizar o bem que poderia ser feito. Por isso, tanto o obsidiado quanto as pessoas que lhe estão ligadas pelos laços da afeição devem desenvolver o hábito da prece.

Como valioso recurso no tratamento da obsessão, a prece possibilita obter excelentes resultados, principalmente em forma de confiança, coragem e paciência. É preciso salientar que o poder da prece está no pensamento e não depende de palavras, lugar ou momento em que é feita, tendo como principal requisito a fé.

7.2 – Água fluidificada

Conforme nos esclarece André Luiz, por meio da água fluidificada, “precioso esforço de medicação pode ser levado a efeito. Há lesões e deficiências no veículo espiritual a se estamparem no corpo físico, que somente a intervenção magnética consegue aliviar, até que os interessados se disponham à própria cura”⁶⁷.

Como se sabe, a água é elemento que possui grande poder de absorção fluídica. E, por essa razão, ela consegue assimilar, com facilidade, os eflúvios balsâmicos trazidos pelos amigos espirituais, para aliviar os males orgânicos e perispirituais. Logo, fica evidente que a água magnetizada ou fluidificada contém substâncias medicamentosas, atuando como auxílio importante no tratamento da obsessão.

Suely C. Schubert cita os estudos de Allan Kardec ao analisar a importância da fluidoterapia. Ela considera que

nos casos de obsessão grave, o obsidiado fica como que envolto e impregnado de um fluido pernicioso, que neutraliza a ação dos fluidos salutareos e os repele. É daquele fluido que importa desembaraçá-lo. Ora, um fluido mau não pode ser eliminado por outro igualmente mau. Por meio de ação idêntica à do médium curador, nos casos de enfermidade, preciso se faz expelir um fluido mau com o auxílio de um fluido melhor.⁶⁸

Para Schubert, a fluidoterapia é um dos mais importantes recursos de auxílio no tratamento da obsessão, porque, sendo feito por meio da utilização de fluidos, ou seja, através dos passes e da água fluidificada, proporciona benefícios salutareos. Isso porque “o doente, sentindo-se aliviado, mesmo por alguns momentos, terá condição de lutar, por sua vez, na parte que lhe compete no tratamento. A constância, (...) aos poucos, propiciará ao enfermo as energias de que carece e o alívio que tanto busca”⁶⁹.

7.3 – Apoio familiar

Suely Caldas Schubert também tece considerações sobre a questão da importância do apoio familiar no tratamento da obsessão, baseando-se em esclarecimentos de Manoel Philomeno de Miranda, no livro *Grilhões Partidos*. Escreve a autora:

⁶⁵ XAVIER. *O consolador*, questão 354.

⁶⁶ KARDEC. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XXVII, item 12.

⁶⁷ XAVIER. *Nos Domínios da Mediunidade*, p. 108.

⁶⁸ SCHUBERT. *Obsessão/Desobsessão*, p. 116.

⁶⁹ *Ibidem, ibidem*.

vinculados os espíritos ao agrupamento familiar pelas necessidades da evolução em reajustamento recíprocos, no problema da obsessão, os que acompanham o paciente estão fortemente ligados ao fator predisponente, caso não hajam sido os responsáveis pelo insucesso do passado, agora convocados à cooperação no ajustamento das contas.⁷⁰

É possível observar, portanto, que não há acaso. Ninguém se reúne em uma família sem que haja necessidade, seja ela de qual natureza for. No tratamento da obsessão, é importante que os familiares possam dar a atenção devida ao paciente; caso contrário, os problemas podem agravar-se e o obsidiado pode vir a sofrer duplamente. Muitas vezes, por desconhecimento das leis que nos regem, tal como a lei de “causa e efeito”, esses familiares rejeitam seus doentes. Nesse sentido, Suely C. Schubert aconselha: “sempre que possível, a família deve receber orientações que esclareçam quanto a sua conduta e participação no tratamento do obsidiado. (...) Tal aceitação favorece o paciente e, obviamente, a aplicação da terapêutica desobsessiva”⁷¹.

8 - ANIMISMO

Portanto, irmãos, procurai, com zelo, profetizar, e não proibais falar línguas.
Mas faça-se tudo decentemente e com ordem.
(I Coríntios, 14: 39-40)

O termo animismo tem sua origem na palavra latina “anima”, que, por sua vez, designa “alma”. É uma doutrina segundo a qual uma só e a mesma alma é o princípio da vida e do pensamento. Nem Kardec nem os instrutores da Codificação utilizaram o termo “animismo”, porém eles abordaram esse tema de maneira sumária, com o intuito de mostrar a existência do fenômeno. Vejamos o que eles dizem⁷²:

– As comunicações escritas ou verbais também podem emanar do próprio Espírito encarnado no médium?

– A alma do médium pode comunicar-se, como a qualquer outro. Se goza de certo grau de liberdade recobra suas qualidades de Espírito. Tendes a prova disso nas visitas que vos fazem as almas de pessoas vivas, as quais muitas vezes se comunicam convosco pela escrita, sem que as chameis. Porque, ficai sabendo, entre os Espíritos que evocais, alguns há que estão encarnados na Terra. Eles, então, vos falam como Espíritos e não como homens. Porque não se havia de dar o mesmo com o médium?

– Não parece que esta explicação confirma a opinião dos que entendem que todas as comunicações provêm do Espírito do médium e não de espírito estranho?

– Os que assim pensam só erram em darem caráter absoluto à opinião que sustentam, porquanto é fora de dúvida que o Espírito do médium pode agir por si mesmo. Isso, porém, não é razão para que outros não atuem igualmente, por seu intermédio⁷³.

Desse modo, podemos deduzir que há, no homem, dois tipos de fenômenos psíquicos: os anímicos – produzidos pelo encarnado – e os mediúnicos – produzidos por outros Espíritos, desencarnados ou não. Para distinguir uma manifestação da outra, Martins Peralva esclarece:

Fatos anímicos são aqueles em que o médium, sem nenhuma idéia preconcebida de mistificação, recolhe impressões do pretérito e as transmite, como se por ele um Espírito estivesse comunicando.

⁷⁰ SCHUBERT. Obsessão/ Desobsessão, p. 119.

⁷¹ *Ibidem, ibidem.*

⁷² KARDEC. *O Livro dos Médiuns*, cap. XIX, item 223, 2ª pergunta.

⁷³ *Ibidem, ibidem.*

Fatos espíritos, ou mediúnicos, propriamente ditos, são aqueles em que o médium é, apenas, um veículo a receber e transmitir as idéias dos Espíritos desencarnados ou [...] encarnados⁷⁴.

A distinção entre esses dois fenômenos, na prática mediúnica, só é possível através do estudo e da observação da natureza das comunicações, tendo em vista a circunstância e a linguagem.

Ainda no item 223 de *O Livro dos Médiuns*, Kardec questiona se as interferências do instrumento mediúnico decorrem do fato de advirem de médiuns intuitivos e se o mesmo não ocorreria caso os médiuns fossem mecânicos. Ao que os Espíritos respondem:

é que ainda não percebeste bem o papel que desempenha o médium. Há aí uma lei que ainda não apanhaste. Lembra-te de que, para produzir o movimento de um corpo inerte, o Espírito precisa utilizar-se de uma parcela de fluido animalizado, que toma do médium, para animar momentaneamente a mesa, a fim de que esta lhe obedeça à vontade.⁷⁵

Para demonstrarem o papel do médium nas comunicações inteligentes, eles apresentam como exemplo as manifestações físicas nas quais o Espírito manifestante, para produzir o movimento de um objeto, necessita de determinada parcela de energia que recolhe do médium. Nesse contexto, afirmam os Instrutores Espirituais: “pois bem: compreende igualmente que, para uma comunicação inteligente, ele precise de um intermediário inteligente e que esse intermediário é o Espírito do médium”⁷⁶.

Na pergunta seguinte, Kardec argúi:

– Dessas explicações resulta, ao que parece, que o espírito do médium nunca é completamente passivo?

– É passivo, quando não mistura suas próprias idéias com as do Espírito que se comunica, mas nunca é inteiramente nulo. Seu concurso é sempre indispensável, como o de um intermediário, embora se trate dos que chamais médiuns mecânicos. (grifo nosso).

Para entendermos o “autêntico animismo”, como bem denominou o Espírito Áulus⁷⁷, é importante enfatizar que o encarnado também se manifesta como Espírito. É preciso lembrar que, no fenômeno mediúnico, o desencarnado, para comunicar-se conosco, precisa de um médium. Nesse processo, o médium encarnado prescinde da participação dos desencarnados para exprimir seus próprios pensamentos, pois o que ele relata se encontra arquivado no seu inconsciente.

No livro *Nos Domínios da Mediunidade*, encontramos o exemplo de uma manifestação na qual a médium aparentemente se fazia intérprete de uma entidade que, em verdade, não existia: era ela mesma que se “comunicava”. Vejamos o caso:

– Não vejo a entidade de quem a nossa irmã se faz intérprete – alegou Hilário, curioso.

– Sim, disse por minha vez –; observo em nossa vizinhança um triste companheiro desencarnado, mas se ele estivesse telepaticamente ligado à nossa amiga, decerto a mensagem definiria a palavra de um homem, sem as características femininas da lamentação que registramos... Em verdade, não notamos aqui qualquer laço magnético que nos induza a assinalar fluidos teledinâmicos sobre a mente da médium...

Áulus afagou a fronte da doente em lágrimas, como se lhe auscultasse o pensamento, e explicou:

⁷⁴ PERALVA. *Estudando a Mediunidade*, p. 187-188.

⁷⁵ KARDEC. *O Livro dos Médiuns*, cap. XIX, item 223, 9ª pergunta.

⁷⁶ *Ibidem*, *ibidem*.

⁷⁷ XAVIER. *Nos Domínios da Mediunidade*, cap. 22.

– Estamos diante do passado de nossa companheira. A mágoa e o azedume, tanto quanto a personalidade supostamente exótica de que dá testemunho, tudo procede dela mesma.⁷⁸

[...]

Sem dúvida, em tais momentos, é alguém que volta ao pretérito a comunicar-se com o presente, porque ao influxo das recordações penosas de que se vê assaltada, centraliza todos os seus recursos mnemônicos tão-somente no ponto nevrálgico em que viciou o pensamento.

[...]

Mediunicamente falando, vemos aqui um processo de autêntico animismo. Nossa amiga supõe encarnar uma personalidade diferente, que apenas exterioriza o mundo de si mesma.⁷⁹ (grifo nosso)

Diante da manifestação genuinamente anímica, o instrutor Áulus não deu o caso como irreversível; mas, sim, como um caso de “doente mental a requisitar o maior carinho para que se recupere”⁸⁰. É necessário aqui ressaltar as considerações sobre o tratamento a ser dispensado nesses casos. Áulus explica:

(ela) deve ser tratada com a mesma atenção que ministramos aos sofredores que se comunicam. É também um Espírito imortal, solicitando-nos concurso e entendimento para que se lhe restabeleça a harmonia. A idéia de mistificação talvez nos impelisse a desrespeitosa atitude, diante do seu padecimento moral. Por isso, nessas circunstâncias, é preciso armar o coração de amor, a fim de que possamos auxiliar e compreender. Um doutrinador sem tato fraterno apenas lhe agravaria o problema, porque, a pretexto de servir à verdade, talvez lhe impusesse corretivo inoportuno ao invés de socorro providencial. Primeiro é preciso remover o mal, para depois fortificar a vítima na sua própria defesa.⁸¹

Comparou a médium que produzia o fenômeno a um vaso defeituoso, porém, totalmente passível de recuperação, podendo ser restituída sua utilidade. Áulus ressaltou, também, a importância do atendimento, em casos iguais a esse. O caso deve ser conduzido com respeito e interesse, como se ali realmente estivesse sendo atendido um espírito desencarnado sofredor, qual ocorre nas reuniões de verdadeiro intercâmbio mediúnico. Além disso, em nome da fraternidade, alerta o doutrinador relativamente ao seu papel, pois a intervenção que deve ser feita se baseia em “socorro providencial” para aliviar o padecimento moral do sofredor.

Voltemos ao *Livro dos Médiuns*:

– O Espírito encarnado no médium exerce alguma influência sobre as comunicações que deva transmitir provindas de outros Espíritos?

Exerce, porquanto, se estes não lhe são simpáticos, pode ele alterar-lhes as respostas e assimilá-las as suas próprias idéias e a seus pendores; não influencia porém, os próprios Espíritos, autores das respostas; constitui-se apenas em mau interprete”⁸².

Os Espíritos Erasto e Timóteo, em resposta a Allan Kardec, afirmam que os Espíritos buscam intérpretes encarnados que sejam o mais fiel possível aos seus pensamentos. No livro *Voltei*, Irmão Jacob⁸³ explica, com muito acerto, esse mecanismo e as dificuldades que lhe são inerentes:

⁷⁸ XAVIER. *Nos Domínios da Mediunidade*, cap. 22.

⁷⁹ *Ibidem*, cap. 22, p. 212.

⁸⁰ *Ibidem*, p. 213.

⁸¹ *Ibidem*, *Ibidem*.

⁸² KARDEC. *O Livro dos Médiuns*, cap. XIX, item 223, questão 7.

⁸³ XAVIER. *Voltei*, Cap. 1, p. 16.

Mas, o serviço (de intercâmbio) não é tão fácil quanto parece à primeira vista. Podemos certamente visitar amigos e influenciá-los, todavia, para isso, copiamos o esforço dos profissionais da telepatia. Emitimos o pensamento, gastando a potência mental em dose alta e, se a pessoa visada se mostra sensível, à maneira do rádio que se liga à emissora, então é possível transmitir-lhe idéias com relativa facilidade. Por vezes, a deficiência do receptor, aliada às múltiplas ondas que o cercam, impede a consumação de nossos propósitos. Se o instrumento de intercâmbio permanece absorto nas preocupações da luta comum, é difícil estabelecer a preponderância de nossos desejos.

A mente humana atrai ondas de força, que variam de acordo com as emissões que lhe caracterizam as atividades. No aparelho mediúnico, esse fenômeno é mais vivo. Pela sensibilidade que lhe marca as faculdades registradoras, o médium projeta energias em busca do nosso campo de ação e recebe-as de nossa esfera com intensidade indescritível.

Calculem, pois, os obstáculos naturais que nos cerceiam as intenções. Se não há combinação fluídico-magnética entre o Espírito comunicante e o recipiente humano, realizar-se-á nosso intento apenas em sentido parcial.

E' quase impossível impormos nossa individualidade completa.

Diante das dificuldades inerentes ao intercâmbio mediúnico, podemos deduzir que é necessidade do médium – como instrumento do plano espiritual – buscar constantemente o estudo e a vivência evangélica, visando à coerência entre conhecimento e padrão moral.

8.1 – Animismo e mistificação

A respeito do termo “autêntico animismo”, André Luiz também tece as seguintes considerações:

Freqüentemente pessoas encarnadas nessa modalidade de provação regeneradora são encontráveis nas reuniões mediúnicas, mergulhadas nos mais complexos estados emotivos, quais se personificassem entidades outras, quando, na realidade, exprimem a si mesmas, a emergirem da subconsciência nos trajes mentais em que se externavam noutras épocas, sob o fascínio constante dos desencarnados que as subjugam.⁸⁴

Porém, é muito importante que se estabeleça a distinção entre “animismo” e “mistificação”. “Mistificar”, segundo o *Dicionário Houaiss* é “enganar, ludibriar, iludir”. O que, absolutamente, não se confunde com o animismo no fenômeno mediúnico. Voltemos ao caso anteriormente citado por Áulus:

Muitos companheiros [...] vêm convertendo a teoria animista num travão injustificável a lhes congelarem preciosas oportunidades de realização do bem; portanto, não nos cabe adotar como justas as palavras “mistificação inconsciente ou subconsciente” para batizar o fenômeno.⁸⁵

Não se pode (e nem se deve) confundir animismo com mistificação, pois a mistificação mediúnica é intencional; ou seja, não há um Espírito comunicante, mas o pseudo-médium simula conscientemente uma comunicação mediúnica. Quando se trata do Espírito comunicante, este também pode simular uma personalidade conhecida, geralmente de elevada evolução moral e espiritual, conforme resposta dada a Allan Kardec pelos Espíritos:

– As mistificações constituem um dos escolhos mais desagradáveis do Espiritismo prático. Haverá um meio de nos preservarmos deles?

– [...] o de não pedirdes ao Espiritismo senão o que ele vos possa dar. Seu fim é o melhoramento moral da humanidade; se vos não afastardes deste objetivo, jamais

⁸⁴ XAVIER. *Mecanismos da Mediunidade*, cap. XXIII, item Obsessão e animismo.

⁸⁵ *Idem*. *Nos Domínios da Mediunidade*, p. 212 e 213.

sereis enganados. [...] Se nunca lhes pedissem nada de fútil, ou que seja fora de suas atribuições, nenhum ascendente encontrariam jamais os enganadores; donde deveis concluir que aquele que é mistificado só o é porque o merece [...] Se o homem recebesse com reserva e desconfiança tudo o que se afasta do objetivo essencial do Espiritismo, os Espíritos levianos não o enganariam tão facilmente.⁸⁶

Na questão 401 do livro *O Consolador*, Emmanuel esclarece que “a mistificação experimentada por um médium traz sempre uma finalidade útil, que é a de afastá-lo do amor-próprio, da preguiça no estudo de suas necessidades próprias, da vaidade pessoal ou dos excessos de confiança em si mesmo”. Segundo o Benfeitor espiritual, tal experimentação não acontece à revelia dos mentores mais elevados, pois é uma maneira de conduzir o médium “à vigilância precisa e às realizações da humildade e da prudência no seu mundo subjetivo”.

8. 2 – Mecanismo da ação anímica na comunicação

Em relação ao papel do médium na comunicação, Allan Kardec admite que, independente da natureza do médium – seja ele escrevente mecânico, semimecânico, ou, simplesmente, intuitivo –, os processos que os Espíritos desencarnados utilizam para se comunicarem com os encarnados são os mesmos utilizados no plano espiritual. Eles, os desencarnados, se comunicam “pela irradiação do pensamento”⁸⁷. Nesse sentido, ele afirma:

com um médium, cuja inteligência atual, ou anterior, esteja desenvolvida, nosso pensamento se comunica instantaneamente, de Espírito a Espírito, graças a uma faculdade peculiar à essência mesma do Espírito. Nesse caso, encontramos no cérebro do médium os elementos apropriados à roupagem de palavras correspondentes ao nosso pensamento a vestidura da palavra que lhe corresponda.⁸⁸

Seja qual for a variedade de Espíritos que se comunicam por meio do médium, as comunicações mediúnicas sempre trarão, quanto à forma e ao colorido, a maneira pessoal do médium se comunicar, pois

[...] Com efeito, se bem o pensamento lhe seja de todo estranho, se bem o assunto esteja fora do âmbito em que ele habitualmente se move, se bem o que nós queremos dizer não provenha dele, nem por isso deixa o médium de exercer influência, no tocante à forma, pelas qualidades e propriedades inerentes à sua individualidade.⁸⁹

9 – MEDIUNIDADE COM JESUS

Segundo definição dada por um Espírito, ele (Jesus) era médium de Deus.
(A Gênese – cap XV)

Não podemos esquecer que Jesus é o Espírito da mais alta hierarquia espiritual que conhecemos, conforme registro na questão 625 de *O Livro dos Espíritos*. Sobre a grandeza de Jesus Cristo, Allan Kardec esclarece:

agiria como *médium* nas curas que operava? Poder-se-á considerá-lo poderoso médium curador? Não, porquanto o médium é um intermediário, um instrumento de que se servem os Espíritos desencarnados e o Cristo não precisava de assistência, pois era ele quem assistia os outros. Agia por si mesmo, em virtude do seu poder pessoal, [...] Que Espírito, ao demais, ousaria insuflar-lhe seus próprios pensamentos e encarregá-lo de os transmitir? Se algum influxo recebia, esse só de Deus lhe poderia vir. Segundo definição dada por um Espírito, ele era médium de Deus.⁹⁰ (grifo nosso)

⁸⁶ KARDEC. *O Livro dos Médiuns*, cap. 27, item 303.

⁸⁷ *Ibidem*, cap. 19, item 225.

⁸⁸ *Ibidem, ibidem*.

⁸⁹ *Ibidem*, p. 268.

⁹⁰ *Idem. A Gênese*, cap. XV, item 2.

No livro *Nos Domínios da Mediunidade*⁹¹, o instrutor Áulus considera que “a mediunidade hoje é uma concessão do Senhor à Humanidade”⁹² e aponta Jesus como instrumento de Deus. Lembra que a mediunidade não é um fenômeno novo, pois, com o Cristo, ela repontou na Terra há muitos séculos. Infelizmente, porém, as “revelações espirituais” – através da mediunidade – foram banidas do ambiente religioso tradicional. Desde então, a mediunidade foi transplantada pelo próprio Jesus, “do colégio sacerdotal à praça pública”, para que nos revelasse a eternidade da vida. Ao utilizá-la Jesus “nos reaparece, agora, não como fundador de ritos ou de fronteiras dogmáticas, mas sim em sua verdadeira feição de Redentor da Alma Humana. Instrumento de Deus por excelência, Ele utilizou a mediunidade para acender a luz da sua Doutrina de Amor”⁹³.

Portanto, quando se define Jesus como médium, é preciso que se dilate o entendimento da expressão, compreendendo que a mediunidade do Cristo transcende todas as dimensões do conhecimento humano. Jesus desempenhou, sim, uma missão como “médium de Deus”, mas essa tarefa não se restringia aos domínios terrenos, por abranger toda a realidade universal. É o que podemos observar no seguinte trecho do Evangelho de João:

Porque eu não tenho falado de mim mesmo; mas o Pai, que me enviou, ele me deu mandamento sobre o que hei de dizer e sobre o que hei de falar. E sei que o seu mandamento é a vida eterna. Portanto, o que eu falo, falo-o como o Pai mo tem dito.⁹⁴

Personificando, para nós, a perfeição divina, Jesus Cristo se tornou o intérprete da verdade. É o único ser capaz de transmitir toda a grandeza do Amor de Deus a seus irmãos, ainda ignorantes dessa realidade, apontando, para nós, o caminho a seguir, para que possamos realmente ter vida, vida em abundância.

Em seus ensinamentos, Jesus sempre deu testemunho de sua filiação e fidelidade para com o Pai, dando a conhecer os ensinamentos recebidos diretamente do Criador e tratando-nos como herdeiros de sua Sabedoria e Amor. Em sua primeira carta aos Coríntios – capítulo 12, versículo 4 –, o apóstolo Paulo fala sobre a “diversidade dos dons”, ainda que o “espírito seja o mesmo”. Ao comentar esse versículo, Emmanuel enfatiza a importância desse imenso leque de aptidões mediúnicas com o qual o homem foi coroado pelo Pai, com a finalidade de refazer o caminho desviado do bem⁹⁵.

Os espíritas, que pretenderem assumir a condição de tarefeiros da Seara do Cristo, devem ter em Jesus o exemplo maior. E, para realizar esse trabalho, como servidores, no campo mediúnico, o Evangelho deve ser o roteiro. Verificamos que, nos trabalhos da Doutrina Espírita, cada qual pode desempenhar o seu dom, utilizando-o no que for útil.

10 – EVANGELHO E MEDIUNIDADE

Nesse trabalho sobre a mediunidade, é preciso destacar o livro *Atos dos Apóstolos*, no qual é possível observar as mais diferentes modalidades e formas de expressão. O início do capítulo 2, versículos de 1 a 13 – intitulados “A descida do Espírito Santo” – narra o fenômeno das “línguas de fogo” que “desceram” sobre os apóstolos, em Jerusalém, durante as festividades do Pentecostes. No capítulo intitulado “Mediunidade”, Emmanuel afirma que, nesse dia, a cidade estava repleta de forasteiros:

filhos da Mesopotâmia, da Frígia, da Líbia, do Egito, cretenses, árabes, partos e romanos aglomeravam na praça extensa, quando os discípulos humildes do Nazareno

⁹¹ XAVIER. *Nos Domínios da Mediunidade*, p. 175-176.

⁹² *Ibidem*, p.175.

⁹³ *Ibidem*, 176.

⁹⁴ João, 12:49 e 50

⁹⁵ XAVIER. *Palavras de Vida Eterna*, cap. 42.

anunciavam a Boa Nova, atendendo a cada grupo da multidão em seu idioma particular.⁹⁶

Emmanuel ainda afirma que a revelação desse dia é a luz prometida pelos céus. A partir de então, as claridades de Pentecostes têm jorrado incessantemente; e “estabelecera a era da mediunidade, alicerce de todas as realizações do Cristianismo, através dos séculos”⁹⁷.

No episódio de Pentecostes, o que se pode compreender, à luz da Doutrina Espírita, é uma manifestação da mediunidade, classificada como xenoglossia. De acordo com *O Livro dos Médiuns*, existem os médiuns políglotas cuja faculdade consiste em falar ou escrever em línguas que são desconhecidas para o próprio médium⁹⁸. Assim, a xenoglossia não é senão um tipo de mediunidade. Os apóstolos eram médiuns dotados da faculdade de xenoglossia. A faculdade permitiu a eles se manifestarem nos mais diversos idiomas estrangeiros.

Ainda no capítulo 2 de Atos (versículos 14 a 21), vemos Pedro de pé, fazendo um discurso, no qual esclarece os fatos acontecidos. Esse discurso pode ser considerado a primeira preleção evangélica realizada após a partida de Jesus. Por meio desse discurso, Pedro inaugura os serviços de evangelização da humanidade. Menciona o profeta Joel, quando fala sobre o surgimento da mediunidade, de maneira geral, em todas as pessoas, algo semelhante ao que vem acontecendo nos dias atuais. No versículo 17 desse mesmo capítulo de Atos, Pedro afirma: “E nos últimos dias acontecerá, diz o Senhor, que do meu espírito derramarei sobre toda carne; os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, vossos mancebos terão visões e os vossos velhos sonharão sonhos.” Nós podemos entender, nesse sentido, que todo Espírito encarnado possuirá o dom da mediunidade nas suas várias modalidades, quais sejam a psicofonia, a vidência, os sonhos proféticos e outros aspectos mediúnicos que dela fazem parte.

A mediunidade, assim, se faz presente no Evangelho, transformando corações por meio da utilização de seus abençoados recursos, a exemplo do que ensinou e vivenciou Jesus. Nesse sentido, Emmanuel afirma:

contra seu influxo [da mediunidade], trabalham, até hoje, os prejuízos morais que avassalam os caminhos do homem, mas é sobre a mediunidade, gloriosa luz dos céus oferecida às criaturas, no Pentecostes, que se edificam as construções espirituais de todas as comunidades sinceras da Doutrina do Cristo e é ainda ela que, dilatada dos apóstolos ao círculo dos homens, ressurgue no Espiritismo cristão, como a alma imortal do Cristianismo redivivo⁹⁹.

Como oferta do Alto às criaturas desde Pentecostes, a mediunidade corresponde a um gênero de trabalho de grande responsabilidade. Por ser a base sobre a qual “se edificam as construções espirituais de todas as comunidades sinceras da Doutrina do Cristo”, (...) dilatada dos apóstolos ao círculo dos homens”, não podemos desvincular o seu movimento do esforço de apropriarmos-nos dos valores educativos.

Como a mediunidade é uma operação entre os dois planos da vida, é preciso destacar o seu grau de responsabilidade, para que ela não se restrinja a um mero fenômeno de intercâmbio. Nesse sentido, faz-se necessário retomar o versículo 15, do capítulo 19 de Atos dos Apóstolos: “Mas o espírito maligno lhes respondeu: Conheço a Jesus e bem sei quem é Paulo; mas vós, quem sois?”. Emmanuel analisa o versículo e afirma que “nas operações de permuta espiritual requisitam-se valores individualíssimos, com os sinais do Cristo”¹⁰⁰. Ou seja, para desempenhar o compromisso com a mediunidade, o tarefeiro não pode invocar o Mestre, “sem títulos vivos de sua escola sacrificial”¹⁰¹. Assim sendo, não podemos deixar de

⁹⁶ XAVIER. *Caminho, Verdade e Vida*, p. 35.

⁹⁷ *Ibidem, ibidem*.

⁹⁸ KARDEC. *O Livro dos Médiuns*, cap. XVI, item. 191.

⁹⁹ XAVIER. *Caminho, Verdade e Vida*, p. 36.

¹⁰⁰ *Ibidem*, p. 141.

¹⁰¹ *Ibidem*, p. 142.

salientar a necessidade do estudo constante, do esforço e do devotamento ao bem, a fim de que o mundo espiritual, em seu mecanismo de relações com os encarnados possa “ensinar os homens a ler os sinais divinos que a vida terrestre contém em si mesma, iluminando-lhes a marcha para a espiritualidade superior”¹⁰².

¹⁰² XAVIER. *Caminho, Verdade e Vida*, p. 288.

11 – CONCLUSÃO

Após o contato com todas as obras aqui citadas, ao longo do tempo de preparo deste trabalho, foi possível estudar muitos pontos que ainda eram obscuros para nós, que buscamos conhecimentos necessários para a condução segura de nossos exercícios na Seara da Mediunidade com Jesus. É certo que não esgotamos o assunto proposto, contudo esperamos que todos os que utilizarem esse singelo estudo sobre a mediunidade possam ser estimulados a buscar o aprofundamento sobre o tema nas obras da Codificação, bem como nas obras subsidiárias.

Portanto, não nos esqueçamos dos esclarecimentos que temos recebido dos Benfeitores espirituais e sigamos em frente, cômnicos de nossas responsabilidades. Para todos nós, vinculados à Doutrina dos Espíritos, não é possível mais campo para ilusão ou fantasias, pois não devemos aguardar o reino do Cristo como realização imediata, mas a oportunidade dos homens é permanente para a colaboração perfeita no Evangelho, a fim de edificá-lo.

Os cegos de espírito continuarão queixosos; no entanto, os que acordaram para Jesus sabem que sua época de trabalho redentor está pronta, não passou, nem está por vir. É o dia de hoje, é o ensejo bendito de servir, em nome do Senhor, aqui e agora...¹⁰³

¹⁰³ XAVIER. *Caminho, Verdade e Vida*, p. 162.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKSAKOF, Alexandre. *Animismo e Espiritismo*. Trad. de Dr.C.S. 2.ed. Rio de Janeiro: FEB, 1956.

BÍBLIA SAGRADA. N. T. 22. ed. Revista e Corrigida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1986.

DENIS, Léon. *Cristianismo e Espiritismo: Provas Experimentais da Sobrevivência*. Trad. Leopoldo Cirne. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB,1987.

FRANCO, Divaldo P. *Grilhões Partidos*. Pelo Espírito Manoel P. de Miranda. 6.ed. Salvador: Livraria Espírita Alvorada, 1985.

___*Nas Fronteiras da Loucura*. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda .5 ed. Salvador (Ba):LEAL, 1991.

___*Nos Bastidores da Obsessão*. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda .5.ed. Rio de Janeiro: FEB, 1990.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*,ou Guia dos médiuns e dos evocadores: Espiritismo experimental. Trad. de Guillon Ribeiro. 38. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1977.

___*Evangelho segundo o Espiritismo*: com explicações das máximas morais do Cristo em concordância com o Espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida. Trad. de Guillon Ribeiro, 97. ed. Rio de Janeiro: FEB,1987.

___*A Gênese: os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. Trad. de Guillon Ribeiro. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1985 .

___ *O Livro dos Espíritos: princípios da Doutrina Espírita sobre a imortalidade da alma, a natureza dos Espíritos e suas relações com os homens, as leis morais, a vida presente, a vida futura e o porvir da Humanidade.* Trad. de Guillon Ribeiro. 39 ed. Rio de Janeiro: FEB, 1976.

MIRANDA, Hermínio C. *Diversidade dos Carismas.* 2. ed. Editora Arte e Cultura Livraria Ltda, 1991.

NAÚFEL, José. *Do ABC ao Infinito, 4º.volume: estudo sistematizado da doutrina espírita. Espiritismo experimental:Fenomenologia e mediunidade- Da mediunidade e das comunicações espíritas.* 2 ed. (1 ed.FEB) Rio de Janeiro: FEB,1999.

PERALVA, Martins. *Estudando a Mediunidade: segundo a obra "Nos Domínios da Mediunidade" de Francisco Cândido Xavier.* 11. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1986.

___ *Mediunidade e Evolução.* 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

PEREIRA, Yvonne A. *Devassando o Invisível.* 3. ed. Rio de Janeiro: FEB,1976.

___ *Dramas da Obsessão.* Pelo Espírito Bezerra de Menezes. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994.

PUGLIESE, Adilton. (Org.) Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda e Franco, Divaldo. P *Obsessão: Instalação e Cura.* 5. ed. Salvador: Livraria Espírita Editora Alvorada, 2004.

SCHUTEI, Cairbar. *O Espírito da Verdade.* 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

SCHUBERT, Suely C. *Obsessão / Desobsessão: profilaxia e terapêutica espíritas.* 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1981.

___ *Dimensões Espirituais do Centro Espírita.* 2.ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007.

TEIXEIRA, J. Raul. *Correnteza de Luz.* Pelo Espírito Camilo. 2. ed. Niterói. Rio de Janeiro: Editora Fráter Livros Espíritas, 1995.

UNIÃO ESPÍRITA MINEIRA. *Série Evangelho e Espiritismo*. vol. 6 Mediunidade. Belo Horizonte, 1983.

UNIÃO ESPÍRITA MINEIRA. Apostila do Curso Básico sobre Mediunidade. Belo Horizonte, s/d.

XAVIER, Francisco C. Caminho, Verdade e Vida. Pelo Espírito Emmanuel. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

___ *Cartas e Crônicas*. Pelo Espírito Irmão X. .4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1979

___ *Desobsessão*. Pelo Espírito André Luiz. 11. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1990.

___ *Evolução em Dois Mundos*. Pelo Espírito André Luiz. 5. ed. Rio de Janeiro. FEB, 1979.

___ *Luz Acima*. Pelo Espírito Irmão X. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1958. *Nos Domínios da Mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 18. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1988.

___ *Mediunidade e Sintonia*. Pelo Espírito Emmanuel. 2.ed. São Paulo: CEU, 1986.

___ *Mecanismos da Mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1965.

___ *Missionários da Luz*. Pelo Espírito André Luiz .17. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1984.

___ *Nos Domínios da Mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 17. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1988.

___ *O Consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 5.ed. Rio de Janeiro. FEB, 1970.

___ *Palavras de Vida Eterna*. Pelo Espírito Emmanuel. 11.ed. Editora Comunhão Espírita Cristã, 1988.

___ *Pensamento e Vida*. Pelo Espírito Emmanuel . 11. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2000.

___ *Voltei*. Pelo Espírito do Irmão Jacob. 13.ed. Rio de Janeiro: FEB, 1988.